

A ÁFRICA QUE VIVE EM MIM – UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Adrielly Carvalho de Paula¹

INTRODUÇÃO

Trabalhar com educação a partir das margens é um compromisso importante que exige sensibilidade, uma escuta atenta e a coragem de desafiar silenciamentos históricos. É uma abordagem que busca dar voz e destaque a grupos que, ao longo do tempo, ficaram à margem, promovendo uma prática educativa mais inclusiva e que faz pensar. Ao desafiar as narrativas tradicionais, essa visão valoriza conhecimentos e experiências que foram sistematicamente deixados de lado nos currículos convencionais. Nesse cenário, a educação antirracista surge como uma ferramenta fundamental para construirmos uma sociedade mais justa e igualitária.

A abordagem do projeto "**A África que Vive em Mim**" fundamenta-se na necessidade de uma educação antirracista e decolonial, conforme previsto na **Lei 10.639/03**, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas.

Segundo Gomes (2012, p.105):

[...] a mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação antirracista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o “falar” sobre a questão afro brasileira e africana. Mas não é qualquer tipo de fala. É a fala pauta no diálogo intercultural. E não é qualquer diálogo intercultural. É aquele que se propõe ser emancipatório no interior da escola, ou seja, que pressupõe e considera a existência de um “outro”, conquanto sujeito ativo e concreto, com quem se fala e de quem se fala. E nesse sentido, incorpora conflitos, tensões e divergências.

Nilma Lino Gomes, pesquisadora e referência na temática das relações étnico-raciais na educação brasileira, enfatiza que a educação antirracista deve ser entendida como uma ação intencional e sistemática, voltada para o enfrentamento do racismo em suas múltiplas formas. Em sua obra, Gomes defende a implementação da Lei 10.639/03 como instrumento político-

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades - Universidade Federal do Amazonas. adriellycarvalho01@gmail.com



pedagógico fundamental para a valorização da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Para a autora, a formação de professores é central nesse processo, pois somente uma prática docente crítica e comprometida com a equidade racial poderá promover uma educação que reconheça a diversidade e combata estereótipos, preconceitos e desigualdades. Ela destaca, ainda, a importância da construção de uma identidade negra positiva e da valorização dos saberes produzidos pelas populações negras como parte integrante do currículo escolar.

Segundo Gomes (2017), a ausência da história africana no currículo escolar contribui para a reprodução de estereótipos e do racismo estrutural, invisibilizando a importância da cultura africana na formação da identidade brasileira. Dessa forma, o projeto busca resgatar e valorizar a ancestralidade africana, promovendo o reconhecimento da diversidade e das contribuições africanas na sociedade.

A perspectiva teórica que orienta este trabalho também dialoga com os estudos de Munanga (2004), que destaca a necessidade de superar uma visão eurocêntrica da história e introduzir um olhar crítico que reconheça a África como berço de grandes civilizações e culturas. Munanga alerta para o mito da democracia racial, que por muito tempo ocultou as desigualdades raciais no Brasil e dificultou o enfrentamento do racismo institucional. Segundo ele, a educação antirracista deve desconstruir os discursos eurocêntricos que predominam no sistema educacional e promover a valorização das identidades afrodescendentes. Para isso, é necessário um currículo que contemple a pluralidade cultural do país e que seja capaz de provocar nos estudantes a reflexão crítica sobre o lugar do negro na sociedade. Munanga defende que uma educação verdadeiramente democrática deve incluir todos os grupos historicamente marginalizados, sendo o combate ao racismo um dos pilares dessa transformação. Segundo Munanga (2003), a escola, como espaço privilegiado de socialização, deve contribuir para a desconstrução dos preconceitos raciais e para a valorização da diversidade cultural, pois o racismo se aprende e, portanto, pode ser desaprendido.

Além disso, Freire (1987) enfatiza a importância da educação como prática libertadora, estimulando o pensamento crítico e a construção de uma consciência social transformadora. Embora não tenha centrado sua produção especificamente na questão racial, é uma referência fundamental para a educação antirracista por sua defesa de uma pedagogia libertadora. Ao falar da "pedagogia do oprimido", Freire aponta para a necessidade de uma prática pedagógica que reconheça e enfrente as estruturas de opressão, o que inclui, necessariamente, o racismo.

A pedagogia freiriana, ao defender a humanização dos sujeitos e a superação das



relações de dominação, oferece uma base teórica potente para uma educação antirracista que se comprometa com a transformação social e com a construção de uma sociedade mais justa.

No entanto, para que essa transformação ocorra de forma efetiva, é necessário adotar práticas pedagógicas que valorizem a ancestralidade africana, promovam o reconhecimento da diversidade cultural e incentivem o pensamento crítico.

Segundo Cavalleiro (2001), “A educação antirracista exige uma proposta pedagógica que incorpore, de forma consciente e planejada, o reconhecimento da diversidade étnico-racial como elemento constitutivo da sociedade brasileira, buscando desconstruir o racismo presente nas práticas escolares” .

A educação antirracista não deve ser um tema pontual, mas uma ação contínua e comprometida com a valorização da identidade negra. Ao trazer elementos da cultura africana para a sala de aula por meio de atividades interativas, como rodas de conversa, literatura e culinária, o ensino se torna mais significativo e promove o respeito à diversidade.

Dessa forma, educar a partir das margens significa resgatar e celebrar as contribuições dos povos africanos para a formação da identidade brasileira, desconstruindo mitos e preconceitos enraizados. Essa abordagem não apenas fortalece a autoestima dos estudantes negros, mas também sensibiliza toda a comunidade escolar para a importância da diversidade e do respeito mútuo. Assim, a educação antirracista se torna um instrumento de resistência, transformação social e construção de um futuro mais inclusivo.

O projeto **"A África que Vive em Mim"** insere-se no campo das pedagogias antirracistas e da educação decolonial, assumindo o compromisso de transformar a escola em um espaço de resistência, aprendizado e reconhecimento da pluralidade cultural.

Lecionando em uma escola pública do interior do estado do Amazonas, percebi que muitos dos meus alunos negros não se reconheciam nas histórias que aprendiam. Seus referenciais eram quase sempre europeus, como se a África fosse apenas um continente distante, sem passado glorioso ou contribuições para a humanidade. Foi então que decidi trazer a África para o centro das minhas práticas pedagógicas, promovendo um ensino que valorizasse a ancestralidade e a identidade afro-brasileira.

Nosso primeiro projeto foi chamado **"A África que vive em mim"**, um convite para que cada estudante refletisse sobre suas raízes e a influência da cultura africana em suas vidas. Exploramos músicas, danças, religiões de matriz africana, literatura e as contribuições de cientistas e pensadores negros.



O projeto foi trabalhado com os alunos da 2ª série do Ensino Médio, da escola Gov. Plínio Ramos Coelho, da rede estadual de ensino/Humaitá-AM.

O objetivo de trabalhar a temática em sala de aula foi promover a valorização e o reconhecimento da cultura africana e suas influências na identidade brasileira, enfatizando a importância das contribuições africanas para a formação do país. Essa abordagem busca combater estereótipos negativos e preconceituosos sobre o continente africano, ao mesmo tempo em que estimula o respeito à diversidade cultural e a reflexão sobre questões como racismo, colonização e a diáspora africana.

A proposta do projeto "A África que Vive em Mim" surgiu da necessidade urgente de promover uma educação antirracista, que valorize a história africana e suas contribuições, e que promova o desenvolvimento do pensamento crítico. Os alunos aprendem a questionar narrativas dominantes e a buscar justiça social, contribuindo para uma sociedade mais igualitária. Isso é crucial para desmistificar estereótipos e combater preconceitos. Além disso, o projeto pode ajudar a promover a aceitação e o respeito pelas diferenças. Não só celebra a cultura africana, mas também desempenha um papel essencial na promoção da diversidade, inclusão e respeito mútuo em nossa sociedade.

Essa experiência reforçou em mim a convicção de que a educação antirracista deve ser um compromisso diário. Trabalhar a partir das margens significa valorizar histórias silenciadas.

METODOLOGIA:

A proposta desenvolvida fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter interventivo e participativo, estruturada nos princípios da pesquisa-ação educacional. Segundo Thiollent (2005), a pesquisa-ação busca a transformação da realidade por meio da participação ativa dos sujeitos no processo investigativo, unindo teoria e prática de forma dialógica.

A adoção dessa metodologia permitiu compreender e intervir nas concepções dos alunos acerca da cultura africana, favorecendo o diálogo, a problematização e a reconstrução de saberes. Conforme defende Freire (1996), a educação deve promover a leitura crítica do mundo e possibilitar que os educandos se reconheçam como protagonistas na construção de novos significados. Assim, as atividades propostas foram organizadas em três momentos principais, aulas explicativas, piquenique temático e exposição de trabalhos, concebidos como espaços de reflexão, vivência e ressignificação cultural, valorizando o intercâmbio entre saberes e a diversidade como dimensão formativa.

O primeiro momento consistiu em aulas explicativas, destinadas à introdução e ao



aprofundamento sobre os aspectos históricos, culturais e sociais da África. Nessa etapa, a metodologia envolveu a realização de uma aula expositiva e dialogada, seguida de uma atividade de reflexão, na qual os alunos foram convidados a expressar suas impressões sobre o continente africano, identificando mitos e estereótipos presentes em seu imaginário. O objetivo foi revelar as concepções prévias e, a partir delas, construir uma visão mais ampla e crítica. As discussões em grupo, especialmente sobre as religiões de matrizes africanas e a culinária africana, proporcionaram momentos significativos de diálogo e desconstrução de preconceitos, estimulando o respeito e a valorização da diversidade cultural.

O segundo momento, denominado Piquenique Temático, teve como objetivo promover a integração e vivência cultural, por meio da alimentação, da música, da literatura e da convivência coletiva. As receitas tradicionais apresentadas evidenciaram a influência africana na culinária brasileira, revelando a riqueza de ingredientes e sabores herdados dos povos africanos e reinterpretados no contexto nacional. Da mesma forma, a leitura de contos e poesias africanas possibilitou um mergulho na literatura do continente, despertando o reconhecimento de suas narrativas de resistência, ancestralidade e esperança.

Por fim, o terceiro momento culminou na Exposição de Trabalhos, espaço de reflexão e produção criativa, que teve como propósito valorizar o aprendizado construído e dar visibilidade às expressões artísticas e críticas dos alunos. As produções apresentadas materializaram o processo de desconstrução de estereótipos e a ampliação das percepções sobre a África. As rodas de conversa realizadas durante a exposição constituíram um importante instrumento de análise coletiva, permitindo que os participantes compartilhassem suas transformações de pensamento e percebessem o impacto social e cultural das atividades vivenciadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos resultados esperados foi a conscientização sobre a riqueza das tradições, línguas e histórias africanas, que muitas vezes são marginalizadas. Além disso, buscamos fortalecer a identidade cultural dos participantes, incentivando a valorização das raízes africanas. Por fim, ao criar um espaço seguro para discussões e aprendizados, fomentamos um senso de pertencimento, onde pode ser refletido a diversidade e a convivência pacífica, procurando, portanto, não só a valorização da cultura africana, mas também a construção de um futuro mais inclusivo e respeitoso.

Esse conjunto de atividades pode proporcionar uma imersão na cultura africana e refletir



sobre suas contribuições ao Brasil e ao mundo. Ao combinarmos aulas explicativas, vivências culturais (piquenique) e a produção artística dos alunos, o projeto "A África que vive em mim" estimulou um aprendizado ativo e uma maior compreensão da diversidade cultural africana, ajudando a desconstruir preconceitos e fortalecendo a identidade de cada aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto "A África que Vive em Mim" provou ser um espaço de transformação e reflexão. Não apenas resgatou tradições e conhecimentos, mas também incentivou os participantes a revisitarem suas narrativas pessoais e coletivas. Ao final, o que se viu foi uma verdadeira celebração da diversidade e uma reafirmação da importância da cultura africana na formação da identidade brasileira. Sinto-me grata por ter participado dessa experiência enriquecedora e transformadora. Acredito que cada um de nós leva consigo um pedaço da África e, ao reconhecer e valorizar isso, contribuímos para um mundo mais inclusivo e respeitoso. O legado do projeto certamente continuará a ecoar em nossas vidas, lembrando-nos de que a África vive em todos nós.

Palavras-chave: Cultura; Educação antirracista; Identidade.

REFERÊNCIAS:

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 98–109, jan./abr. 2012.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

